

QUINTA CONFERÊNCIA – QUINTA-ESSÊNCIA A missão como paradigma-síntese de Aparecida¹

* Professor do programa de
pós-graduação do ITESP.

Paulo Suess*

Resumo:

A missão é o paradigma-síntese de Aparecida. Em continuidade com o Vaticano II e com as conferências latino-americanas anteriores, assume a natureza missionária da Igreja e abre os olhos para a realidade do nosso continente. As novas tarefas de transformação que emergem dessa realidade são elencadas em três níveis: paróquia como centro de irradiação missionária, missão continental e missão ad gentes. Para isso, Aparecida quer mobilizar o conjunto dos batizados e aposta no serviço generoso de leigos voluntários. Restam perguntas sobre a viabilidade do projeto de Aparecida: Com quem fazer tudo isso, se mal conseguimos segurar os católicos ainda praticantes e se, no mundo urbano, os leigos e as leigas estão de sol a sol trabalhando para sustentar suas famílias? Quem vai abrir a jaula de ferro ministerial, que é apenas uma das aberturas que se fazem necessárias para a libertação da natureza missionária da Igreja?

Palavras-chave:

V CELAM; Igreja: Documentos; Igreja: América Latina.

Abstract:

Mission is the hallmark-synthesis of the Aparecida Document. Alongside with Vatican II and the previous Latinamerican Conferences this Document undetakes the very missionary Church nature and open wide the eyes onto American Continent.

¹ Este texto que foi cedido pela REB para a sua publicação também aqui, amplia a palestra proferida no II Simpósio Internacional de Missiologia, no dia 1 de Agosto de 2007 em Quito. O Simpósio foi organizado pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) e a Comissão Central do CAM 3, em preparação do CAM 3/ COMLA 8.

New transformation tasks are listed in three levels: Parish as center of missionary irradiation, continental mission and Ad Gentes Mission. Having this in mind, Aparecida's Conference, in the auctor's opinion, would like mobilize all baptized people and bets all it's cards on lay people generosity. Some questions, of course, are still alive: Who are and were are that lay missionaries, if the Church hardly hold his own catholic flock? In our urban societies, our lay peolple work hard, from sunrise to sunset, in order to sustain his families? Who are able to open the ministerial iron jail, that is one of the doors needed in order to liberate the Church missionary nature?

Key-words:

V LACBC; Church: Documents; Church: Latin América.

INTRODUÇÃO

Em Aparecida, a Missão se tornou quinta-essência da caminhada latino-americana. Quinta-essência faz alusão a Aristóteles e aos alquimistas medievais, que consideravam além dos quatro elementos principais — terra, água, ar e fogo — mais um quinto elemento, uma substância etérea que permeia, une e transforma tudo. Recentemente, alguns astrofísicos reintroduziram o termo para designar um dinâmico campo quântico que interage com a matéria e evolui com o tempo. A quinta-essência, portanto, é um símbolo de integração, de síntese, de interação e de transformação. Nenhum documento da Igreja latino-americana fala tanto em transformação como o Documento de Aparecida (DA).

Aparecida herdou do Vaticano II (1962-1965) a visão de uma Igreja que é por sua natureza missionária.² Essa herança aponta para a passagem de uma Igreja orientada para a administração de territórios tradicionalmente cristianizados ou ocupados por missões católicas para a missionariedade como função essencial da Igreja e de todos os batizados. Essa essencialidade ou natureza missionária dos fiéis deveria, sobretudo, ter um impacto sobre o lugar vivencial e os ambientes, onde podem surgir as pastorais missionárias específicas (Cimi, CPT, PO, PJ, Migrantes e Refugiados). Na sociedade moderna não existe mais a unidade geográfica entre moradia, trabalho e lazer. O tempo livre se reduziu drasticamente.

No projeto de Aparecida, integração universal e contextualização, interação, continuidade e transformação estão articuladas em torno da palavra *missão*, que representa seu paradigma-síntese num duplo sentido: primeiro, assume a caminhada das quatro Conferências Episcopais Latino-Americanas

² Cf. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo, CNBB/ Paulus/Paulinas, 2007, n. 347. Daqui em diante, DA.

anteriores, com seus paradigmas de descolonização, opção pelos pobres, Comunidades de Base, libertação, participação e inculturação; e, segundo, sintetiza as múltiplas propostas do próprio DA sob o prisma da missão. Aparecida dá continuidade e, ao mesmo tempo, recapitula o caminho de fidelidade, renovação e evangelização da Igreja latino-americana a serviço de seus povos, que se expressou oportunamente nas Conferências Gerais anteriores do Episcopado.³

³ Rio, 1955; Medellín, 1968; Puebla, 1979; Santo Domingo, 1992.

O que hoje parece pacificamente sintetizado gerava na época, muitas vezes, polêmicas em torno de interesses que procuravam impedir o nascimento de uma Igreja pobre e inculturada. Se Rio de Janeiro representava um primeiro despertar da cristandade para a própria organização da Igreja da América Latina, que levou à fundação do CELAM, Medellín, na base do Concílio, significou o início da descolonização de muitas práticas sociais amalgamadas com práticas missionárias. Em Puebla, sentiram-se fortes resistências a esse movimento de emancipação da Igreja latino-americana de suas amarras coloniais. O discurso do papa, em 1978 — há pouco tempo no cargo —, na abertura da III Conferência Geral, teve a função de uma advertência curial. Em Santo Domingo, a ala hegemônica entre os delegados mostrou seu descontentamento com tantos pedidos de perdão, da parte do papa, e endureceu seu discurso contra a memória simbólica e discursiva da *conquista espiritual* do continente. A recusa à memória histórica, simbolicamente expressa na recusa do setor dominante entre os delegados em celebrar uma missa aos pés do monumento de Antônio Montesinos OP, primeiro defensor dos índios de Santo Domingo, tornou-se no decorrer da Conferência uma recusa à realidade do continente como ponto de partida para a reflexão teológico-pastoral. Embora, naquele momento, fosse rejeitada a metodologia do ver-julgar-agir, o paradigma da inculturação, que insere os evangelizadores nessa realidade, ganhou destaque como imperativo do seguimento de Jesus.⁴ Ao definir as prioridades, Santo Domingo substituiu até a terceira parte do tema, que era *cultura cristã*, por *evangelização inculturada*.⁵

⁴ Cf. *Santo Domingo: Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano*. São Paulo, Paulinas, 1992, n. 13. Daqui em diante, SD.

⁵ Cf. SD, 298-302.

Sedimentados na pastoral missionária pós-conciliar a metodologia e os conteúdos das conferências anteriores, os delegados da V Conferência não precisavam inventar novos paradigmas. Pelo tema da V Conferência, *Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida*, já estava previsto que *discipulado* e *missão* seriam palavras-chave no Documento de Aparecida.⁶ A *missão*, palavra geradora de Aparecida, não é propriamente um novo paradigma. Ela acompanha a Igreja desde seus primórdios, com luzes e sombras. Agora, a proposta missionária de Aparecida conseguiu desvincular a palavra

⁶ Cf. P. SUESS, Lugar da missão em Aparecida. Em *VIDA PASTORAL*, 48 (2007), 254, p. 1-8.

missão do contexto histórico de colonização e submissão, e a colocou no contexto de uma caminhada libertadora dos pobres. A acolhida dessa caminhada, que representa um processo sem fim, se traduz em aproximação samaritana e em presença profética nas comunidades, em suas lutas por justiça e reconhecimento, e na construção de um mundo para todos.

Para sistematizar a perspectiva missionária do DA e para não nos perdermos na selva de palavras do texto, proponho a abertura de sete clareiras, que ora sejam eixos, ora representem sínteses, prioridades ou perspectivas para as nossas comunidades: (1) Os cristãos descobrem sua vocação missionária quando inseridos na realidade do mundo, onde experimentam a possibilidade de intervir e transformar; (2) a origem da missão dos discípulos missionários nas relações intratrinitárias do amor divino; (3) esse amor transborda na missão de Jesus histórico e do Espírito Santo; (4) Jesus, conduzido pelo Espírito Santo, aponta para a convocação e o envio do povo da Nova Aliança, a Igreja, que nasce na festa de Pentecostes; (5) a Igreja, instrumento de salvação, está a serviço do Reino — Reino de uma vida integral, de justiça e paz —, que fornece os parâmetros para as transformações diárias do mundo; (6) os discípulos missionários são os sujeitos dessa transformação, que, segundo o DA, acontece, em círculos concêntricos da pastoral missionária: na paróquia missionária, na missão continental e na *missão ad gentes*; em todos esses âmbitos está presente o diálogo ecumênico e interreligioso; (7) num mundo que gira em torno da exploração, do lucro e da acumulação, a missão aponta, através de imagens de esperança, sinais de justiça e gestos de gratuidade, para transformações concretas que delinham o horizonte do Reino.

1. VER A REALIDADE

A grande tarefa pastoral, desde as origens da cristandade, sempre foi transformar os cristãos culturais e tradicionais em discípulos missionários. O DA lembra que *todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão, ao mesmo tempo que o vincula a Ele como amigo e irmão*⁷ e, por isso, *a missão é inseparável do discipulado, o qual não deve ser entendido como etapa posterior à formação*.⁸ O processo de urbanização, a volatilidade religiosa pós-moderna e a estrutura ministerial inadequada à realidade pastoral, associados a muitos outros fatores, produziram uma redução dos católicos e presbíteros em números absolutos.⁹ A precariedade estatística faz repensar a riqueza da *natureza missionária* e da missão dos

⁷ Cf. DA, n. 144.

⁸ Cf. DA, n. 278e.

⁹ Cf. DA, n. 100a.

cristãos, por mais de 40 anos latente na consciência eclesial, e agora considerada paradigma-síntese e salva-vida. Como deixar aflorar essa *natureza missionária*, aprisionada pelas estruturas pessoais e institucionais? Como abrir os olhos dos batizados para a realidade do continente e do mundo,¹⁰ e chamá-los à sua responsabilidade?¹¹ A realidade interpela aos cristãos e seus pastores; cobra coerência com as promessas e os imperativos do Evangelho e *um compromisso com a realidade*.¹²

No segundo capítulo da primeira parte, o DA apresenta o *olhar dos discípulos missionários sobre a realidade* sociocultural, econômica, sociopolítica, étnica, ecológica¹³ e eclesial diante de desafios novos e herdados.¹⁴ A missão dos discípulos missionários nessa realidade é sempre implícita ou explicitamente uma missão evangelizadora, integral, específica, contextual e universal.¹⁵ Essa missão nos conduz *ao coração do mundo*, onde abraçamos *a realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo*.¹⁶ A missão não é uma *fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual*,¹⁷ lembrou o Papa em seu Discurso Inaugural da Conferência.¹⁸ A sabedoria samaritana e profética acompanha o cristianismo desde os primeiros mártires, as primeiras comunidades descritas nos Atos dos Apóstolos e as definições cristológicas de Calcedônia (451 a.C.): Deus está em Jesus Cristo inseparavelmente (*indivise*) ligado à humanidade sofredora, sem se confundir (*inconfuse*) com ela. Se diluirmos Jesus de Nazaré na miséria humana ou se o separarmos dela seria igualmente não a valorização da humanidade, mas a sua traição. Proximidade, inculturação e solidariedade não devem ser confundidas com identificação que apaga a alteridade. Em muitas páginas do DA aparece a preocupação com a evangelização integral: *Toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas*.¹⁹ A missão se manifesta como vida nova *em todas as dimensões da existência pessoal e social*²⁰ e *abraço com o amor de Deus a todos e especialmente aos pobres e aos que sofrem. Por isso, não se pode separar da solidariedade com os necessitados e da sua promoção humana integral*.²¹

O DA desautoriza qualquer tentativa espiritualista da evangelização. A missão é integral porque Cristo *acompanha o Povo de Deus na missão de inculturar o Evangelho na história*.²² Dessa articulação entre a fé em Cristo e sua encarnação na história, o Papa, em seu DI, chamou a atenção para a articulação cristológica da opção pelos pobres e questiona um conceito reducionista da realidade. **O papa pergunta:**

O que é o real? São 'realidade' só os bens materiais, os problemas sociais, econômicos e políticos? Aqui está precisamente

¹⁰ Cf. DA, n. 33.

¹¹ Cf. DA, nn. 14; 33.

¹² Cf. DA, n. 491.

¹³ Cf. DA, nn. 33-97.

¹⁴ Cf. DA, nn. 98-100.

¹⁵ Cf. DA, nn. 214, 287, 341, 450, 486i, 532, 545, 550.

¹⁶ Cf. DA, n. 148.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Cf. *Documento de Aparecida*: Discurso, op. cit., pp. 267-284; aqui, § 3, pp. 271-275. Discurso proferido pelo Papa na Sessão Inaugural dos Trabalhos, em 13 de maio de 2007. Daqui em diante DI.

¹⁹ Cf. DA, n. 176.

²⁰ Cf. DA, n. 13; 7.1.3; 7.1.4.

²¹ Cf. DA, nn. 550; 545.

²² Cf. DA, n. 491.

o grande erro das tendências dominantes no último século (...). Falsificam o conceito de realidade com a amputação da realidade fundante, e por isso decisiva, que é Deus (...). Só quem reconhece Deus conhece a realidade (...). Quem conhece Deus? (...).

Só Deus conhece Deus, só seu Filho, que é Deus de Deus, Deus verdadeiro, o conhece. E ele, que está no seio do Pai, o revelou (Jo 1,18). Daí a importância única e insubstituível de Cristo para nós, para a humanidade (...).

Deus é a realidade fundante (...), o Deus de rosto humano; é o Deus-conosco, o Deus do amor até a cruz. Da compreensão deste amor nasce a resposta do discípulo: Eu te seguirei por onde quer que fores (Lc 9,57). E este seguimento não se realiza isoladamente, mas na família universal de Deus na Igreja Católica. (...) O encontro com Deus é, em si mesmo e como tal, encontro com os irmãos, um ato de convocação, de unificação, de responsabilidade para com o outro e para com os demais. Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9).²³

Repetidas vezes, o DA cita esta parte do DI.²⁴ A articulação cristológica e, em sua conseqüência, trinitária da opção pelos pobres faz dessa opção e de seus desdobramentos imperativos pastorais irrevogáveis, que posteriormente devem ser abordados em sua dimensão específica, integral, contextual e universal.

Ao lado da recepção propositiva do DI, não podemos deixar de mencionar fragilidades desse discurso de fé, que inclui a família universal de Deus na Igreja Católica. A fé é uma possibilidade, uma graça, uma opção e não uma necessidade. Outros discursos sobre a realidade são possíveis e plausíveis. Quem pisa em solo americano deve saber a quantos passos em falso esse discurso de fé induziu no decorrer desses 500 anos. Quem afirma que *o anúncio de Jesus e de seu Evangelho não supôs, em nenhum momento, uma alienação das culturas pré-colombianas*²⁵ pode, da mesma maneira dizer, que nenhum dos escritos de Karl Marx supôs as barbaridades do Gulag ou dos *killing fields* no Camboja. Muitos líderes indígenas, inclusive católicos, protestaram contra essa parte do DI que partiu das suposições, (a) que fora da identidade católica não existe uma verdadeira identidade, (b) que as religiões pré-colombianas *ansiavam silenciosamente* o cristianismo dos colonizadores, e (c) que hoje alguns povos indígenas queriam voltar para as suas religiões antes da conquista, o que seria um *retrocesso*. Uma resposta prévia teria que pensar no seguinte: A identidade é histórica e ninguém tem uma identidade última ou verdadeira,

²³ Cf. DI, §, 3, p. 272ss.

²⁴ Cf. DA, nn. 148, 392, 405, 505.

²⁵ Cf. DI, § 2, p. 268.

transculturalmente válida; entre os povos indígenas não havia um *Deus desconhecido*, como entre os gregos; em todas as religiões, também no catolicismo, existem tendências regressivas.

2. ITINERÁRIO TRINITÁRIO

Jesus nos revelou Deus como Deus-Pai e Amor e revelou-nos o mistério da comunhão trinitária de Deus como origem da missão.²⁶ Essa comunhão trinitária²⁷ é sinônimo de amor. Jesus é manifestação e testemunha desse amor intratrinitário.²⁸ Falar de Deus significa falar de amor e missão. Se Deus é amor (1Jo 4,8.16), ele não pode ser solidão. Ele é relação, comunicação, diálogo, envio e encontro. O amor não se contenta em si mesmo. Diante da Aliança rompida pelo pecado, Deus envia o Filho no Espírito Santo em missão para costurar uma Nova Aliança, à base de um Novo Mandamento, como Boa-Nova para toda a humanidade: *Trata-se de nova criação, onde o amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo renova a vida das criaturas.*²⁹

A missão do povo de Deus emerge da comunidade de Deus, Uno e Trino, cujo amor transborda e aponta para a convocação e o envio de comunidades missionárias que dão testemunho desse Deus-Amor. O discípulo chega através da experiência, e da verbalização dessa experiência de sua fé, à prática: *A experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço para com o outro.*³⁰ Através da nossa prática de solidariedade, o mundo chega à possibilidade da fé num Deus-Amor e num mundo para todos.

Na construção dos conceitos da nossa fé, o Espírito Santo é o elo da continuidade pós-pascal, da unidade em diversidade e da gratuidade com responsabilidade: *No Deus Trindade, a diversidade de Pessoas não gera violência e conflito, ao contrário, é a fonte mesma do amor e da vida.*³¹ No envio do Filho (Logos) e do Espírito Santo (Pneuma), as relações intratrinitárias se tornam *missão de Deus* (missio Dei). Essa missão de Deus reverte objetivamente a desintegração da humanidade causada pelo pecado e a reintegra numa perspectiva histórica e escatológica da vida plena, que é o Reino.³² Aparecida faz, através de um texto-chave de *Ad gentes*, a conexão com o Vaticano II: *A Igreja peregrina é por sua natureza missionária, pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai.*³³ A pulsação missionária no cristianismo é fruto da vida trinitária revelada aos discípulos. Os discípulos participam da missão trinitária; conduzidos pelo Espírito Santo são seguidores de Jesus Cristo e testemunhas

²⁶ Cf. DA, n. 109.

²⁷ Cf. DA, nn. 109, 153, 157, 523ss.

²⁸ Cf. DA, n. 348.

²⁹ Cf. DA, n. 241.

³⁰ Cf. DA, n. 240.

³¹ Cf. DA, n. 543.

³² Cf. P. SUESS, *Introdução à teologia da missão*. Convocar e enviar: Servos e testemunhas do Reino. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 50ss. Muitos itens desse artigo encontram um aprofundamento nessa *Introdução*.

³³ Cf. DA, n. 347; CONCÍLIO VATICANO II, *Decreto Ad Gentes*. Petrópolis, Vozes, 1968, n. 2. Daqui em diante AG.

de sua ressurreição. Sua missão é evangelizadora, e como tal, trata-se de uma missão a serviço da Boa-Nova do Reino,³⁴ de uma missão comunitária, integral e comprometida com a realidade dos mais necessitados. Aparecida assume a teologia da missão do Vaticano II, no qual a missão emerge da comunidade trinitária e aponta para a convocação e o envio de comunidades missionárias.

³⁴ Cf. DA, n. 152.

3. DESDOBRAMENTOS DA MISSÃO DE DEUS

Desde a origem da criação, amor trinitário foi derramado sobre a humanidade pelo Espírito Santo, protagonista da missão³⁵ e Pai dos pobres. No *princípio* eram o Verbo e o Espírito. Ambos são inseparáveis. Um é caminho e o outro é guia,³⁶ junto a Deus Pai, criador do mundo.

³⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*: Sobre a validade permanente do mandato missionário. Petrópolis, Vozes, 1991, n. 21b. Daqui em diante, RM.

³⁶ Cf. DA, nn. 151ss.

A unidade trinitária, que estava na origem da criação, está na origem da recriação do mundo, na encarnação. Maria concebeu seu filho Jesus, Palavra de Deus, pela força do Espírito Santo. Esse mesmo Espírito está no início da missão de Jesus de Nazaré. Nele, o filho do carpinteiro de Nazaré foi confirmado *Filho bem-amado*, por ocasião de seu batismo no Jordão (Lc 3,22). Por ele, foi conduzido *ao deserto para se preparar para a sua missão* (cf. Mc 1,12s) e, *através da oração e do jejum, discerniu a vontade do Pai e venceu as tentações*³⁷ de seguir os caminhos do prestígio, do poder, do pão não partilhado e do privilégio. Nele, foi ungido Messias e fez o discernimento decisivo de sua vida sobre a finalidade e os colaboradores de sua missão: *Ele me ungiu para evangelizar os pobres* (Lc 4,18). O mesmo Espírito *acompanhou Jesus durante toda sua vida* (cf. At 10,38). *Uma vez ressuscitado, Ele comunicou seu Espírito vivificador aos seus* (cf. At 2,33).³⁸ Na Festa de Pentecostes, festa da convocação e do envio sob a ação do Espírito, festa do dom da Lei (Torá) para os judeus e para os cristãos, festa do dom do novo mandamento, a Igreja começa a *falar em outras línguas* (At 2,4) e inicia a sua missão, revestida *da força do alto* (Lc 24,49). O Espírito *forja missionários, indica os lugares que devem ser evangelizados e escolhe aqueles que devem fazê-lo*.³⁹ Pentecostes continua na missão dos discípulos missionários, testemunhas da ressurreição de Jesus e servos e servas do Reino de Deus. O tempo pós-pascal é tempo do Espírito Santo, que é Deus no gesto do dom. Ele está no início de todas as caminhadas que geram vida.

³⁷ Cf. DA, n. 149.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Cf. DA, n. 150.

Na gratuidade e na unidade do Espírito Santo, que se concretizam na missão, se manifesta a resistência contra a lógica de custo-benefício, que divide a humanidade. A gratuidade garante

a continuidade da história de salvação. Ela está presente nas diferentes etapas de início da vida como dom e graça. Por isso, de modo particular, está ligada aos sacramentos de iniciação, que são sacramentos da caminhada, ao batismo, à confirmação e à Eucaristia.⁴⁰ Ao religar e refazer esses incícios, ao completar a criação pela recapitulação, o Espírito Santo mostra a face de Deus através de gestos significativos de continuidade e ruptura, de despojamento e princípio dinâmico na história de salvação. A gratuidade, que, simbolicamente, celebramos na *Ação de Graças*, na Eucaristia, é a condição da não-violência e da paz no mundo.

⁴⁰ Cf. DA, nn. 26, 106, 128, 142, 153, 158, 176, 180, 251, 262, 292, 354, 363.

O Espírito Santo e Vivificante é o *Espírito da Verdade* (Jo 14,17) que articula o plural e as diferenças numa unidade maior, sem hegemonias isoladas. A diferença étnica e o plural cultural não afetam a verdade. A verdade acontece na geração da vida: na prática do novo mandamento (Jo 13,34) e da justiça maior em favor dos pobres. Na raiz da pobreza-miséria está a ação do *pai da mentira*, que perturba a ordem social. O Espírito Santo é o Paráclito, o *consolador*, o *advogado dos pobres*. Em pobres sinais ele é experimentado: na água do batismo e no fogo da sarça ardente, no óleo da unção messiânica e na luz de uma consciência nova, no imaginário da pomba palpável e da nuvem distante. A opção dos discípulos missionários pelos pobres está enraizada na cristologia e na pneumatologia.

Cumprir a missão e seguir Jesus significa adotar *suas atitudes* (cf. Mt 9,35-36). *Ele, sendo o Senhor, se fez servidor e obediente até a morte de cruz* (cf. Fil 2,8); *sendo rico, escolheu ser pobre por nós* (cf. 2Cor 8,9).⁴¹ No seguimento de Jesus *aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável mediante a dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor serviçal até a doação de sua vida*.⁴² Discípulos de Jesus, os cristãos são, desde seu batismo,⁴³ *missionários: aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo a Jesus pobre* (cf. Lc 6,20; 9,58), *e de anunciar o Evangelho da paz sem bolsa ou alforje, sem colocar nossa confiança no dinheiro ou no poder deste mundo* (cf. Lc 10,4ss).⁴⁴

⁴¹ Cf. DA, nn. 31/30; 242. Entre os itens 23 e 32 do DA há divergências entre as edições da CNBB e do CELAM. Na citação de um destes itens, indico ambos os números CNBB/CELAM.

⁴² Cf. DA, n. 139.

⁴³ Cf. DA, n. 153.

⁴⁴ Cf. DA, n. 31/30.

4. CONVOCAÇÃO E ENVIO DO NOVO POVO DE DEUS

A criação dos seres humanos à semelhança de Deus e a encarnação do amor redentor de Jesus até a cruz fundamentam nosso compromisso com a realidade do mundo e com o sofrimento do outro.⁴⁵ E esse compromisso não é solitário.⁴⁶ É

⁴⁵ Cf. DA, n. 491.

⁴⁶ Cf. DA, n. 154.

comunitário: *No povo de Deus, a comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si (...) A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão.*⁴⁷ O discipulado, o envio e a missão sempre supõem a pertença a uma comunidade.⁴⁸ Com essa e nessa comunidade acreditamos, celebramos e assumimos os compromissos pastorais em sua amplitude sócio-religiosa.

Teologia, eclesiologia e missiologia do Vaticano II estão bem articulados no DA. No interior da eclesiologia, a teologia do povo de Deus da *Lumen gentium* permeia como canto firme o DA. *O mistério da Trindade é a fonte, o modelo e a meta do mistério da Igreja: 'um povo reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito', chamado em Cristo 'como sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano'*.⁴⁹ O mistério da Trindade repercute na história como dignidade e responsabilidade de todos os batizados: Junto com todos os fiéis e em virtude do batismo somos, antes de mais nada, discípulos e membros do povo de Deus.⁵⁰ A dignidade do povo de Deus precede à diferenciação de dignidades hierárquicas: *Todos os batizados e batizadas da América Latina e do Caribe, através do sacerdócio comum do povo de Deus,*⁵¹ *somos chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, pois a evangelização é um chamado à participação na comunhão trinitária.*⁵²

Falar da Igreja significa falar da missão do Povo de Deus. A estrutura dessa Igreja-missão é trinitária. Ela é *Povo de Deus, Corpo do Senhor e Templo do Espírito Santo*.⁵³ Por ser *Templo do Espírito Santo* é também casa dos pobres: *Convoca e congrega todos em seu mistério de comunhão, sem discriminações nem exclusões por motivos de sexo, raça, condição social e pertença nacional.*⁵⁴

No Espírito Santo, a Igreja Povo de Deus é enviada para articular universalmente os povos numa grande *rede* (cf. Jo 21,11) de solidariedade. Do envio nascem comunidades pascais que testemunham a ressurreição e contextualizam a utopia do primeiro dia da nova criação. Das comunidades nasce o envio. A missão, com seus dois movimentos, a *diástole* do envio à periferia do mundo e a *sístole* que convoca. A partir dessa periferia, para a libertação do centro, está o coração da Igreja. Sob a senha do Reino, propõe um mundo sem periferia e sem centro.

Convocação e envio necessitam permanentemente da purificação, inspiração e animação do Espírito. Por causa de sua proximidade aos pobres, a Igreja goza, *não obstante as debilidades e misérias humanas, de alto índice de confiança e de credibilidade por parte do povo.*⁵⁵ Pobres sinais marcam essa Igreja *casa dos pobres*: o vazio do sepulcro, a abertura

⁴⁷ Cf. DA, n. 163; JOÃO PAULO II, *Sobre a missão do leigos na Igreja e no mundo*. Exortação apostólica pós-sinodal *Christi-fideles Laici*. São Paulo, Loyola, 1989, n. 32.

⁴⁸ Cf. DA, nn. 164; 169.

⁴⁹ Cf. DA, n. 155; *Compêndio do Vaticano II: Lumen Gentium*. Petrópolis, Vozes, 2000, n. 1. Daqui em diante, LG.

⁵⁰ Cf. DA, n. 186.

⁵¹ Cf. DI, § 5.

⁵² Cf. DA, n. 157; *Documento de Puebla: A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1982, n. 218. Daqui em diante DP.

⁵³ Cf. LG, n. 17.

⁵⁴ Cf. DA, n. 524; 8.

⁵⁵ Cf. DA, n. 8.

do caminho, a partilha do pão, a cruz redentora e a hóstia sagrada. Sua pobreza e proximidade aos pobres é um sinal da presença de Deus. A expulsão de Jerusalém marca o início de sua missão. Quem nasce e renasce ao pé da cruz, na fuga, no martírio e na peregrinação desconfia dos vencedores. Por ser essencialmente missionária, essa Igreja não tem pátria ou cultura privilegiada nem é dona de verdades.

Mas ela tem rumo. Ela é serva, peregrina, hóspede, instrumento, sinal. Sua missão se realiza com urgência histórica e escatológica. Em muitos lugares o DA aponta para essa urgência. Tudo no campo pastoral⁵⁶ e social⁵⁷ parece urgente: Urgente é um projeto missionário nas dioceses⁵⁸ e o *kerigma* nas comunidades;⁵⁹ urgente é o diálogo entre a fé, a razão e as ciências, sobretudo com a bioética.⁶⁰ Urgente é a formação específica dos leigos *para que possam ter incidência significativa nos diferentes campos*;⁶¹ urgente é a *promoção vocacional*;⁶² urgente é dar solução para os *grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo*.⁶³ *É urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja iniquidade e onde haja possibilidades para todos*.⁶⁴ *É urgente prosseguir no desendividamento externo*.⁶⁵ *Conscientes de que a missão evangelizadora não pode estar separada da solidariedade com os pobres e sua promoção integral, (...) é urgente, portanto, a criação de um fundo de solidariedade entre as Igrejas da América Latina e do Caribe*.⁶⁶ E finalmente *urge educar para a paz*.⁶⁷ O anúncio do Reino é uma questão de vida e morte. *A caridade de Cristo nos compele* (2Cor 5,14) a destruir as estruturas da morte, interromper a lógica dos sistemas e questionar a lentidão das burocracias. A vida é sempre para hoje. A esperança é para agora. Mas quem deveria fazer tudo isso? O DA se pronuncia pouco sobre essa questão. A descoberta da natureza missionária da Igreja Povo de Deus aumentou as responsabilidades, mas não o número dos agentes de pastoral.

5. A SERVIÇO DO REINO

A centralidade de Deus, seu mistério e sua revelação, sua proximidade com os pobres e sua verdade despojada de conceitos e palavras exigem da Igreja docilidade ao Espírito. A meta da Igreja é o Reino de Deus.⁶⁸ O antiprojeto do reino, o reino do pão não partilhado, do poder que não se configura como serviço, do privilégio que favorece a acumulação, e do prestígio que organiza eventos de ostentação em vez de articular processos de transformação, acompanha a história da

⁵⁶ Cf. DA, nn. 368, 289, 437j, 456, 518, 550.

⁵⁷ Cf. DA, nn.148, 348, 550.

⁵⁸ Cf. DA, n. 169.

⁵⁹ Cf. DA, n. 289.

⁶⁰ Cf. DA, n. 466.

⁶¹ Cf. DA, n. 283.

⁶² Cf. DA, n. 315.

⁶³ Cf. DA, n. 148.

⁶⁴ Cf. DA, n. 384.

⁶⁵ Cf. DA, n. 406c.

⁶⁶ Cf. DA, n. 545.

⁶⁷ Cf. DA, nn. 541; 394.

⁶⁸ Cf. LG, n. 9.

humanidade e da Igreja. As lutas históricas estão atravessadas pelas causas do Reino. Sem dúvida, o Reino de Deus se tornou um eixo central no *kerigma* do DA. Inúmeras vezes, o texto convida os discípulos missionários a serem o que são, desde seu batismo:⁶⁹ missionários de Jesus Cristo que vivem a sua vocação **cristã não apenas através de múltiplas tarefas, mas em estado de missão**⁷⁰ a serviço do Reino de Deus. Converter-se ao Reino é tarefa cotidiana dessa Igreja Povo de Deus, e ser discípulo missionário significa anunciar, como Jesus fez, *a Boa-Nova do Reino aos pobres e aos pecadores*.⁷¹ A missão está a serviço do Reino,⁷² e o Reino está a serviço dos pobres.

Nessa lógica do Reino, *os pequenos*, os que vivem do lado sombrio do mundo, são *caminho da verdade e porta da vida*. Para eles, a comunidade missionária reserva sempre o melhor: o melhor tempo e o melhor espaço. As vítimas do anti-reino são os protagonistas do projeto de Deus e lugar de sua epifania. A questão social está estreitamente vinculada à questão da ortodoxia. Pecado significa indiferença diante da exploração dos pobres. Neles, a Igreja reconhece *a imagem de seu Fundador pobre e sofredor*.⁷³ No cristianismo, essa pobreza do próprio Deus tem muitos nomes: encarnação, cruz e Eucaristia. *A pobreza — disse um dia o atual papa — é a verdadeira aparição divina da verdade*,⁷⁴ a pobreza reconhecida em *novos rostos de pobres e novos excluídos*.⁷⁵ Todos eles representam Jesus Cristo em seu despojamento radical. Eles são portadores e destinatários do Evangelho.

Qual é o conteúdo desse anúncio do Reino? O Reino está em nosso meio,⁷⁶ mas não como algo já pronto. O Reino está e estará sempre em construção,⁷⁷ transformando a realidade das nossas sociedades e da nossa Igreja:⁷⁸ *As condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem a esse projeto do Pai e desafiam os cristãos a maior compromisso a favor da cultura da vida. O Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas*.⁷⁹

Nas causas do Reino se sobrepõem os verbos *anunciar, construir, denunciar, defender, viver, partilhar, presenciar e esperar*. O DA enfatiza os valores do Reino, pede o testemunho desses *valores alternativos*,⁸⁰ sem nomeá-los explicitamente.⁸¹ Certamente podem ser levantados a partir das parábolas e da resposta de Jesus ao jovem rico e ao doutor da Lei, que lhe perguntaram: *O que devo fazer para herdar a vida eterna?* (Lc 10,25; Mt 19,16). Valores do Reino são fraternidade, solidariedade, fome e sede de justiça, não-violência, reconciliação, gratuidade, reconhecimento do outro e capacidade de conviver com o mistério de Deus e o mistério de cada pessoa que se faz presente em nossa vida. Os valores do Reino são algo mais

⁶⁹ Cf. DA., nn. 10, 127, 153, 157, 160, 184, 186, 211, 213, 228, 349, 350, 357, 377, 382.

⁷⁰ Cf. DA, n. 213.

⁷¹ Cf. DA, n. 30/29.

⁷² Cf. DA, nn. 33, 190, 223.

⁷³ CF LG, n. 8c.

⁷⁴ Cf. J. RATZINGER, *Der Dialog der Religionen und das jüdisch-christliche Verhältnis*, In RATZINGER, J. (Ed.), *Die Vielfalt der Religionen und der Eine Bund*. Bad Tölz, Urfeld, 2003, 93-121, aqui 116.

⁷⁵ Cf. DA, nn. 402, 207.

⁷⁶ Cf. DA, n. 143.

⁷⁷ Cf. DA, nn. 278, 280, 282, 548.

⁷⁸ Cf. DA, nn. 382, 516.

⁷⁹ Cf. DA, n. 358.

⁸⁰ Cf. DA, n. 224.

⁸¹ Cf. DA, nn. 212, 374, 518j.

subjacente e estrutural, enquanto os sinais do Reino são visíveis e pontuais: *Sinais evidentes da presença do Reino são: a vivência pessoal e comunitária das bem-aventuranças, a evangelização dos pobres, o conhecimento e cumprimento da vontade do Pai, o martírio pela fé, o acesso de todos aos bens da criação, o perdão mútuo (...).*⁸²

⁸² Cf. DA, nn. 383; 374.

Nas reflexões da Terceira Parte do DA sobre o Reino de vida e justiça, reencontramos a realidade da Primeira Parte, agora com o intuito de transformá-la. Diante da utopia do Reino, o DA aponta para as múltiplas transformações necessárias. O Reino está em nosso meio,⁸³ mas está, ao mesmo tempo, sempre em construção,⁸⁴ transformando a realidade das nossas sociedades e da nossa Igreja.⁸⁵ Quase tudo está em transformação e deve ser transformado: a realidade,⁸⁶ o mundo,⁸⁷ a sociedade⁸⁸ e estruturas eclesiais e pastorais.⁸⁹ A preocupação com a transformação que acontece no mundo de hoje e com a transformação que o Evangelho deve produzir está desde Medellín na pauta da Igreja latino-americana⁹⁰ e da pastoral.⁹¹ Aparecida retoma a *Evangelii nuntiandi* quando afirma que a missão procura *modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse (...), os modelos de vida.*⁹² O anúncio do Reino é historicamente relevante para além da história. O projeto de Deus, que nos foi comunicado por Jesus Cristo, tem sempre como horizonte a transformação última, que permitirá ver Deus face a face (cf. Mt 2,2; Ap 22,4).

⁸³ Cf. DA, n. 143.

⁸⁴ Cf. DA, nn. 278, 280, 282, 548.

⁸⁵ Cf. DA, nn. 382, 516, 358.

⁸⁶ Cf. DA, n. 210.

⁸⁷ Cf. DA, n. 290.

⁸⁸ Cf. DA, n. 283, 330, 336.

⁸⁹ Cf. DA, n. 365.

⁹⁰ Cf. DA, n. 511.

⁹¹ Tema de Medellín: A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio.

⁹² Cf. DA, n. 331; PAULO VI, *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*. São Paulo, Paulinas, 2000, n. 19.

6. MISSÃO E DIÁLOGO

Depois dessas considerações decorrentes da natureza missionária do Povo de Deus, o DA distingue ainda três âmbitos diferentes: a) a paróquia missionária, não como algo extraordinário, mas como novo padrão pastoral, b) a missão continental e c) a missão *ad gentes*. Aos três âmbitos se sobrepõe parcialmente a clássica divisão entre missão *ad intra*, quer dizer, a missão entre batizados na própria Igreja Católica, e missão *ad extra*, entre não batizados. Está também presente em Aparecida, transversalmente, o diálogo inter-religioso⁹³ e ecumênico,⁹⁴ seguindo as linhas mestras do Vaticano II e assumindo o magistério latino-americano sistematizado nas Conferências anteriores.

⁹³ Cf. DA, nn. 95, 99g, 232, 237ss.

⁹⁴ Cf. DA, nn. 95, 99g, 100g, 227ss, 230-234.

6.1. Paróquia missionária

O DA aposta no papel missionário da paróquia, aponta para as dificuldades existentes e propõe, genericamente, mudanças estruturais. As paróquias devem ser *comunidades de*

comunidades⁹⁵ e transformar-se de comunidade de manutenção em centros de irradiação missionária em seus próprios territórios e lugares de formação permanente.⁹⁶ A formação missionária deve ser integral,⁹⁷ permanente,⁹⁸ específica,⁹⁹ comunitária¹⁰⁰ e inculturada.¹⁰¹ Isso exige abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favorecem a transmissão da fé,¹⁰² entre elas, a estrutura ministerial. O povo quer os interlocutores de sua fé por perto. Enquanto a relação entre pastores evangélicos e padres católicos é de seis para um, na falta do padre o povo opta, muitas vezes, pela presença do pastor.¹⁰³ A proposta de renovar as estruturas paroquiais¹⁰⁴ sem enfrentar mudanças na estrutura ministerial da Igreja permanece um desejo piedoso. Existem outros desafios de caráter estrutural. Entre eles, o DA elenca a extensão territorial, a pobreza, a violência, a distribuição desigual dos presbíteros na Igreja do continente.¹⁰⁵ Aparecida propõe descentralização, desburocratização,¹⁰⁶ multiplicação dos braços e qualificação dos ministros.¹⁰⁷ E, devido à extensão enorme das paróquias, propõe, o que não é novo, a divisão do território paroquial em setores.¹⁰⁸ Ao afirmar que a renovação da paróquia exige novas atitudes dos párocos e dos sacerdotes,¹⁰⁹ o DA aponta para falhas na formação seminarística. A maioria dos delegados de Aparecida conhece os problemas, aumenta as tarefas e sobrecarrega os párocos e suas equipes.

⁹⁵ Cf. DA, nn. 309, 517e.

⁹⁶ Cf. DA, n. 306, 304.

⁹⁷ Cf. DA, nn. 279, 299, 329, 337, 441a, 456.

⁹⁸ Cf. DA, nn. 299, 306, 326, 437i, 518d.

⁹⁹ Cf. DA, nn. 179, 283.

¹⁰⁰ Cf. DA, n. 305.

¹⁰¹ Cf. DA, n. 325.

¹⁰² Cf. DA, n. 365.

¹⁰³ Cf. DA, n. 90.

¹⁰⁴ Cf. DA, n. 172.

¹⁰⁵ Cf. DA, n. 197.

¹⁰⁶ Cf. DA, n. 203.

¹⁰⁷ Cf. DA, nn. 513, 517, 518.

¹⁰⁸ Cf. DA, nn. 372, 518c.

¹⁰⁹ Cf. DA, n. 201.

6.2. Missão continental

Na preparação da Conferência de Aparecida, a Missão Continental dava mostras de que se tornaria o assunto mais importante do evento, o que não aconteceu. No dia 24 de maio 2007, na sala de imprensa, o Cardeal Cláudio Hummes, prefeito da Congregação para o Clero, questionado sobre um eventual caráter proselitista da Missão Continental, respondeu: *Esta missão se dirige aos católicos batizados. (...) Vamos em busca dos católicos pouco evangelizados, não de uma forma proselitista nem antiecumênica, pois se trata daqueles que já foram batizados; conseqüentemente, esta missão exigirá uma mudança na vida de todos os agentes pastorais.* A Missão Continental deveria, portanto, assumir o que já foi chamado de *nova evangelização entre os cristãos culturais*¹¹⁰ e *reevangelização entre os não-praticantes*.¹¹¹ Na Missão Continental, todo o continente quer colocar-se em estado de missão,¹¹² porque temos uma alta porcentagem de católicos sem consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com uma identidade cristã débil e vulnerável.¹¹³ Assumimos — ressalta o DA — o compromisso de uma grande missão em todo o continente (...). Esperamos um novo Pentecostes que nos livre da fadiga, da desilusão, da acomodação

¹¹⁰ Cf. RM, 33; SD, 24.

¹¹¹ Cf. RM, 33; 37.

¹¹² Cf. DA, n. 213.

¹¹³ Cf. DA, n. 286.

¹¹⁴ Cf. DA, n. 362.

ao ambiente; uma vinda do Espírito, que renove nossa alegria e nossa esperança.¹¹⁴ A operacionalização dessa Missão Continental foi confiada ao Celam e seus departamentos. Dificilmente ela acontecerá nos moldes do entusiasmo documentado.

6.3. Missão *Ad Gentes*

¹¹⁵ Cf. DA, nn. 373-379.

¹¹⁶ Cf. DA, n. 144.

¹¹⁷ Cf. DA, n. 548.

Junto com a Missão Continental, o compromisso com a missão *ad gentes* continua;¹¹⁵ continua a missão de *anunciar o Evangelho do Reino a todas as nações* (cf. Mt 28,19; Lc 24,46-48).¹¹⁶ Missão *ad gentes* significa, no DA, praticamente *missão universal* da Igreja: *Somos testemunhas e missionários nas grandes cidades e nos campos, nas montanhas e selvas da nossa América, em todos os ambientes de convivência social, nos mais diversos areópagos da vida pública das nações, nas situações extremas da existência, assumindo ad gentes nossa solicitude pela missão universal da Igreja.*¹¹⁷ Recentemente, o próprio Papa apontou para as transformações da missão *Ad Gentes*: *O campo da Missão ad gentes se ampliou notavelmente e não pode ser definido apenas a partir de considerações geográficas ou jurídicas. De fato, os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus não são só os povos não-cristãos e as terras distantes, mas também os âmbitos socioculturais e, sobretudo, os corações.*¹¹⁸

¹¹⁸ Cf. DA, n. 375; BENTO XVI, *Discurso aos membros do Conselho Superior das Pontifícias Obras Missionárias*, 5 de maio de 2007 (o trecho não se encontra no texto publicado no site do Vaticano).

Hoje, a *missão Ad Gentes* é *missão Inter Gentes*, missão entre povos e continentes. Os discípulos missionários que vêm da Ásia ou da África para trabalhar na pastoral missionária da América Latina também podem dizer que foram enviados para uma missão *ad gentes*. Vive-se na Igreja local cada vez mais uma reciprocidade missionária *inter gentes*. Na missão universal *Ad Gentes* partilhamos a nossa fé, desde a pobreza dos nossos meios. Aparecida espera *uma nova primavera da missão Ad Gentes.*¹¹⁹

¹¹⁹ Cf. DA, n. 379.

6.4. Diálogo ecumênico

¹²⁰ Cf. DA, n. 228.

¹²¹ Cf. DA, n. 232.

¹²² Cf. DA, n. 233.

O DA insiste no caráter trinitário, batismal e penitencial do esforço ecumênico. O diálogo emerge como atitude espiritual e prática, num caminho de conversão e reconciliação.¹²⁰ O movimento pela unidade dos cristãos *favorece a estima recíproca, convoca a escuta comum da palavra de Deus e chama aos que se declaram discípulos e missionários de Jesus Cristo à conversão.*¹²¹ Onde existe o diálogo ecumênico, *diminui o proselitismo, cresce o conhecimento recíproco, o respeito e se abrem possibilidades de testemunho comum.*¹²² A relação fraterna entre todos aqueles que adoram Deus como Pai e *que foram*

regenerados pelo batismo,¹²³ não é algo optativo entre especialistas, mas é irrenunciável para o discípulo e missionário.¹²⁴ A unidade dos discípulos missionários é *comunhão no Espírito Santo* (2Cor 13,13), no plural dos dons, das vocações e dos significados históricos.¹²⁵ O ecumenismo nos faz *recuperar em nossas comunidades o sentido do compromisso do batismo*,¹²⁶ suscita *novas formas de discipulado e missão em comunhão*¹²⁷ e inspira a colaboração no campo social.¹²⁸

O ecumenismo, que nasce da oração de Jesus *para que todos sejam um* (Jo 17,21), nem sempre é fácil.¹²⁹ Existem vários obstáculos: a convivência com grupos fundamentalistas que *atacam a Igreja Católica com insistência*,¹³⁰ a indiferença, o falso irenismo, posições preconceituosas.¹³¹ É importante participar de organismos ecumênicos em todos os níveis da vida eclesial.¹³² Além das *escolas de ecumenismo* já existentes *necessitamos mais agentes de diálogo e melhor qualificados*,¹³³ com uma grande sensibilidade pastoral e proximidade com o povo. Em última instância, a unidade não será obra nossa, mas um *dom do Espírito Santo*.¹³⁴ *Sustentado pelo Espírito da verdade*, o povo vive em seu conjunto e no corpo a corpo ecumênico *o senso da fé*.¹³⁵ O povo pobre, que é a base constitutiva das nossas Igrejas, sabe que nem todas as doutrinas têm a mesma importância. Sem nunca ter ouvido falar sabe, que existe uma *hierarquia de valores*¹³⁶ e se situa na *hierarquia de verdades*,¹³⁷ sem trair o próprio e sem desprezar o alheio e diferente.

6.5. Diálogo inter-religioso

O diálogo ecumênico sem fronteiras é o diálogo inter-religioso que visa *a construção da nova humanidade*.¹³⁸ O fim desse diálogo não é a conversão do outro à própria religião, mas a articulação da unidade de toda a humanidade na base de crenças e credos diferentes. Seguindo as orientações do Concílio,¹³⁹ Aparecida reafirma que pelo sopro do Espírito Santo e outros meios conhecidos por Deus, a graça de Cristo pode alcançar a todos que Ele redimiu, além da comunidade eclesial.¹⁴⁰ Nesse diálogo está embutida uma confissão e um anúncio da própria fé *com mansidão e respeito*.¹⁴¹ Esse anúncio faz parte da necessidade de falar daquilo que dá sentido à nossa vida. *O diálogo interreligioso (...) abre caminhos inéditos de testemunho cristão, promove a liberdade e dignidade dos povos, estimula a colaboração para o bem comum, supera a violência motivada por atitudes religiosas fundamentalistas, educa para a paz e para a convivência cidadã (...)*.¹⁴² Puebla já tinha lembrado o caráter testemunhal do diálogo e das *suas exigências de lealdade e integridade da parte de ambos os*

¹²³ Cf. DA, n. 228.

¹²⁴ Cf. DA, n. 227.

¹²⁵ Cf. DA, n. 155.

¹²⁶ Cf. DA, n. 228.

¹²⁷ Cf. DA, n. 233.

¹²⁸ Cf. DA, n. 99g.

¹²⁹ Cf. DA, nn. 234, 99g.

¹³⁰ Cf. DA, n. 100g.

¹³¹ Cf. DA, n. 234.

¹³² Algumas instituições com longa tradição ecumênica: CESEP (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular), CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil; CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviços), KOINONIA (Presença Ecumênica e Serviço; IAMS (International Association for Mission Studies/Associação Internacional de Estudos Missiológicos).

¹³³ Cf. DA, n. 231.

¹³⁴ Cf. DA, n. 230.

¹³⁵ Cf. LG, 12a.

¹³⁶ Cf. *Compêndio do Vaticano II: Gaudium et Spes*. Petrópolis, Vozes, 2000, n. 37a.

¹³⁷ Cf. *Compêndio do Vaticano II: Unitatis redintegratio*. Petrópolis, Vozes, 2000, n. 11c.

¹³⁸ Cf. DA, n. 239.

¹³⁹ Cf. LG, n. 16.

¹⁴⁰ Cf. DA, n. 236.

¹⁴¹ Cf. DA, n. 238.

¹⁴² Cf. DA, n. 239.

¹⁴³ Cf. DP, 1114.

¹⁴⁴ Cf. DA, n, 238.

¹⁴⁵ Cf. DA, n, 237.

¹⁴⁶ Cf. DA, n, 238.

¹⁴⁷ Cf. DA, n, 237.

¹⁴⁸ Cf. DA, n, 238.

interlocutores.¹⁴³ O diálogo interreligioso não substitui a missão nem o anúncio.¹⁴⁴ A missão exige o diálogo e o diálogo *se fundamenta justamente na missão que Cristo nos confiou; exige a sábia articulação entre o anúncio e o diálogo como elementos constitutivos da evangelização*.¹⁴⁵

O diálogo interreligioso é uma graça para todos os participantes. Deve-se *investir no conhecimento das religiões, no discernimento teológico-pastoral e na formação de ministros competentes para o diálogo interreligioso*,¹⁴⁶ sobretudo para o diálogo com as religiões monoteístas.¹⁴⁷ Ao falar da *graça do diálogo*,¹⁴⁸ o DA cita o documento *Diálogo e Anúncio*, de 1991, que respalda o espírito da *Ecclesiam suam*, da *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI, dos respectivos documentos do Vaticano II (1962-65).

7. DAR E RECEBER

Na pastoral missionária todos são mensageiros e destinatários da Boa-Nova, na mística e militância da esperança e da justiça. Na vida *de nossos povos bate um forte sentido de esperança (...). Ele é experimentado (...) graças aos dons e sinais de vida nova que se compartilha*.¹⁴⁹ No horizonte dessa esperança está uma sociedade que supera a divisão de classes sociais, uma sociedade fraterna que supera a acumulação dos bens, uma sociedade de partilha e solidariedade. Essa esperança é o dom da nossa fé, como presente dos nossos povos. Nós a recebemos como energia que vai além de cálculos e benfeitorias humanas.

¹⁴⁹ Cf. DA, nn. 536, 7, 27, 29, 106.

Mas o dom não dispensa o próprio esforço. *A vida é presente gratuito de Deus, dom e tarefa que devemos cuidar (...)*.¹⁵⁰ Vivemos a esperança na partilha do pouco que temos, nas causas do Reino que defendemos e na articulação dos poucos que somos. A missão da esperança é o permanente anúncio da vida num mundo em que a miséria não é acidente, mas produto de sua organização social e de sua civilização.

¹⁵⁰ Cf. DA, n, 464.

A alternativa para a exploração e a violência desse mundo é a gratuidade: *O amor de doação plena, como solução para o conflito, deve ser o eixo cultural 'radical' de uma nova sociedade*.¹⁵¹ A esperança é a irmã dos pobres e dos crucificados. *Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho*.¹⁵² O *total dom de si é o diferencial de cada cristão e não pode deixar de ser a característica de sua Igreja*.¹⁵³ Na lógica do Reino, o dom da vida se fortalece no ato de sua doação, e se enfraquece no isolamento e na comodidade.¹⁵⁴ Nesse contexto, os delegados de Aparecida assumem o compromisso audaz de se tornarem companheiros *de caminho de nossos irmãos*

¹⁵¹ Cf. DA, n, 543.

¹⁵² Cf. DA, n, 31/30.

¹⁵³ Cf. DA, nn. 138, 302, 336.

¹⁵⁴ Cf. DA, nn. 360, 361.

mais pobres, inclusive até o martírio. Depois reafirmam que a opção preferencial pelos pobres *deve atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos.*¹⁵⁵

¹⁵⁵ Cf. DA, n. 396.

Grandes tarefas esperam a Igreja latino-americana e caribenha. O realismo pastoral nos lembra que nunca na história da Igreja houve um conjunto de batizados que se tornasse sujeito de uma *religiosidade virtuosa* como modelo da vida cotidiana. Esse modelo radical comprometeria o indivíduo batizado e sua comunidade com uma *ética virtuosa* na qual a transformação do mundo seria uma exigência e uma extensão de sua atividade religiosa. O realismo da ortodoxia institucional e da prática pastoral nunca fora tão longe.¹⁵⁶ Apesar de muitos apelos enfáticos ao heroísmo e à santidade dos discípulos missionários do DA, a ortodoxia institucional viveu sempre em tensão com a *religiosidade virtuosa*, colocando ao lado das estátuas de grandes santos grandes confessionários para o povo. A quinta-essência dos alquimistas, que queriam produzir o ouro, nunca passou de um horizonte regulativo. Também a quinta-essência de uma Igreja-missão que corresponderia a uma Igreja toda missionária, mística e militante, enquanto não trabalha as mediações históricas dessa missão-amor, permanece um horizonte regulativo.

¹⁵⁶ Cf. M. WEBER, *Economia e sociedade*. São Paulo, Imprensa Oficial, 2004/1999, 2 vols., aqui vol. 1, parte 2, cap. 5: Os caminhos de salvação e sua influência sobre a conduta da vida. A religiosidade virtuosa ou heróica, segundo M. Weber, é a religiosidade de místicos, ascetas e santos. Ela se diferencia da religiosidade oficial dos quadros da ortodoxia institucional e da religiosidade popular.

Para transformar o discurso da *natureza missionária*, da justiça e solidariedade em ajuda competente, não basta apenas agitar a bandeira da doutrina social¹⁵⁷ e as cobranças das políticas públicas¹⁵⁸ para que prestem um serviço melhor. Precisamos novamente descer ao chão do povo pobre e ferido para formar lideranças em seu meio e em suas lutas. Os delegados de Aparecida apontam mais de 90 vezes para essa formação integral de missionários místicos e militantes. É preciso definir etapas e metas. O encaminhamento dos cristãos secularizados ou meramente culturais, através da evangelização continental, às práticas da religiosidade popular, que tem tempos fortes de celebração, ou, em alguns casos, a comunidades de base, já seria um primeiro passo na direção certa.

¹⁵⁷ Cf. DA, nn. 69, 99f, 100c, 239, 342, 372, 395, 400, 403, 446e, 505.

¹⁵⁸ Cf. DA, nn. 75s, 78, 458d, 463e, 474d, 537.

Contudo, a transformação de agentes de pastoral em carismáticos ascetas, profetas ou pastores incansáveis de tempo integral e com religiosidade e ética virtuosas é pouco provável. Com um clero muito reduzido e, muitas vezes, sobrecarregado pelo dever sacramental, Aparecida aposta no serviço generoso de leigos voluntários. Mas, no mundo urbano, esses leigos e leigas estão trabalhando de sol a sol para sustentar as suas famílias.

Com quem transformar o mundo? Com quem fazer a Missão Continental e sustentar o dinamismo de paróquias como *centros*

¹⁵⁹ Cf. DA, n. 306.

*de irradiação missionária*¹⁵⁹ se mal conseguimos *segurar* os católicos ainda praticantes? O paradigma-síntese de Aparecida, a missão no seu sentido pleno nos confere a responsabilidade da transformação. Quem vai abrir a jaula de ferro ministerial, que é apenas uma das aberturas que se fazem necessárias para realizar as propostas de Aparecida? Para ganhar a verdadeira tradição evangélica, que promete vida para todos, para cumprir a palavra de Deus e nos comprometer radicalmente com ela, precisamos saber perder tradições secundárias e sacrificar costumes de acomodação.¹⁶⁰ A gratuidade, na contra-mão do sistema neoliberal, aponta para a possibilidade de um mundo para todos, mas também para desconexões sistêmicas, mudanças de mentalidade e estruturas eclesiais. O Espírito que é dom e que dá vida vive no Verbo encarnado, na Palavra cumprida na cruz e na ressurreição. Ele, que é o pai dos pobres e a vida do Verbo, vive também conosco na Palavra de Deus cumprida na fidelidade à missão.

¹⁶⁰ Cf. DA, n. 362.

Na missa de encerramento da XXXI Assembléia Ordinária do CELAM, dia 13 de julho de 2007, em Cuba, o arcebispo e cardeal Jaime Ortega Alamino convidou os participantes de partir como Abraão, deixando seguridades para servir melhor aos povos e propondo-lhes a vida plena em Cristo: *Nossa missão não consiste em impor, mas em propor; não se trata de uma missão de arrastar seguidores, mas de convidar homens e mulheres de nossos povos a serem discípulos de Jesus Cristo*;¹⁶¹ discípulos missionários que podem suspender a marcha para o abismo, abandonar a prisão das necessidades e da violência, sonhar o prazer da liberdade, incentivar responsabilidades recíprocas e dar gratuitamente seus dons que de graça receberam. A luta, ou melhor, a missão *com* e *além* de Aparecida continua. Nossa resistência e nossa entrega não foram e nem serão em vão.

¹⁶¹ Cf. www.celam.info.